

Cinema de Arte

Acervo Digital

promoção

organização

direção

da

do

Walter
Silveira

Clube de Cinema da Bahia

29 - maio - 1965

“TRONO MANCHADO DE SANGUE”

(“Kumonosu - djo”)

Acervo Digital

FICHA TÉCNICA

Realização	— Akira Kurosawa
Argumento e roteiro	— Akira Kurosawa, Hideo Oguni e Shinobu Hashimoto, sobre “Macbeth” de Shakespeare
Fotografia	— Asaichi Nikai
Música	— Masaru Sato
Interpretação	— Toshiro Mifune e Isuzu Yamada
Produção	— Toho films, 1957

Desde 1908, quando os americanos fizeram o primeiro **"Macbeth"**, o cinema conheceu muitas adaptações da tragédia shakespereana, francesas, italianas, alemães, significativamente nenhuma inglesa.

Mas, até que ousasse Akira Kurosawa transferir para o Japão bárbaro a atmosfera e os personagens da bárbara Escócia, somente Orson Welles, dez anos antes, se aproximara da grandeza trágica, num **"Macbeth"** muito pessoal.

"Trono manchado de sangue", se é um filme rigorosamente shakespereano, também é rigorosamente japonês. Tem dignidade teatral e ao mesmo tempo dignidade cinematográfica. Orson Welles, que sempre representou **"Macbeth"** no seu Mercury Theatre e quis ser desde **"Cidadão Kane"** um revisor da linguagem cinematográfica, quando transpôs a tragédia para seu filme de 1947, não seguiu tanto quanto Kurosawa a trilha dramática nem chegou tanto quanto o japonês a um resultado artístico independente do texto.

"Trono manchado de sangue" não vale porque seja uma interpretação asiática da intriga escocesa. Esqueça-se a fonte, e o filme subsistirá autônomo. Mas, se recorde a origem, e o filme terá aquela recriação que faz do *metteur-en-scène* um novo criador autêntico ao lado do dramaturgo.

Orson Welles, com Laurence Olivier em **"Hamlet"** e **"Ricardo III"**, procurou disfarces cênicos para esconder o teatro subjacente nas suas adaptações. Akira Kurosawa não teve esse medo da importância shakespereana. Se todas as cenas da floresta sob a névoa surgem como uma solução espontaneamente cinematográfica, as que decorrem nas fortalezas bárbaras se tornam ainda mais cinematográficas porque Kurosawa compreendeu que o longo plano fixo da personagem que espera durante todo o tempo artisticamente necessário a volta do assassino jamais será um plano teatral, que não suportaria esteticamente tão prolongado silêncio, mas um plano fílmico, no qual a imagem silenciosa tudo narra plásticamente. Ademais, a extraordinária seqüência final da morte do usurpador nunca poderia ser realizada teatralmente como Kurosawa a fez, embora o estilo interpretativo japonês, de uma lentidão hierática, aparentemente exagerada, talvez leve à suposição de que Toshiro Mifune a representa como um ator no palco. Sua mímica, seus primeiros planos, os olhos terrivelmente abertos, a boca hediondamente escancarada para a morte, assumem um efeito cinematográfico que só podem relembrar os planos imortais de Eiseinstein em **"O Encouraçado Potenkim"**.

Como apontam Joseph L. Anderson e Donald Richie (**"The Japanese film"**, pg. 328), Kurosawa usou muito lucidamente, em **"Trono manchado de sangue"**, alguns elementos do Nô, da tradição teatral nipônica: pode-se observá-lo quer nas cenas com a feiticeira (no original shakespereano são três, e não uma), quer na maquilagem de Isuzu Yamada como personagem correspon-

dente a lady Macbeth. Aliás, a própria música de Masaru Soto, tão louvada por todos, se compõe de uma brilhante combinação das formas clássicas do Nô com as formas ocidentais.

Obra-prima, que é um triunfo de estilo, "Kumonosu-djo" corresponde ainda às preocupações éticas de Kurosawa. À sua pergunta, constante dos outros filmes, de "por que os homens não podem viver mais felizes?", aqui está respondido e demonstrado "porque os homens são infelizes". ...

Acervo Digital

Walter
da Silveira